

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM CONTEMPORÂNEA
EM “GEORGE”, DE MARIA JUDITE DE CARVALHO**

Marlene dos Anjos (UFRJ)

mrlndosanjos2@gmail.com

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UFRJ)

fabiana-lessa@ig.com.br

Procuo a rua
que ainda me resta:
é longa, é alta,
Não é essa.

(Cecília Meireles)

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar a construção da personagem contemporânea no conto “George”, que faz parte da obra *Seta Despedida* (1995) da escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho, especialmente, em aspectos que evidenciem a fragmentação do sujeito. A precisão e a singularidade não são características da ficção pós-moderna, sobretudo em relação a personagens. Então, temos o impreciso e o plural como elementos marcantes em “George”, o texto, e em George, a personagem. No conto, a personagem-título encontra-se com sua(s) outra(s) de tempos passado e futuro, no presente: com a jovem Gi e com a velha Georgina que são ela mesma em existências paralelas. A possibilidade de ser ambas confere à personagem a imprecisão e a pluralidade próprias da ficção contemporânea. A protagonista, pintora reconhecida internacionalmente, retorna à vila onde nasceu para vender a casa que recebera de herança após a morte dos pais. Dessa ida-volta tem início a “viagem” que ganhará dimensões mágicas, possibilitando o (re)encontro com o que foi, com a que foi e com a que será. A viagem é externa e interna, de regresso e de progresso. Ela é uma e outra, uma ou outra, uma com outra, transversalizando o que está par a par. Portanto, a presença do múltiplo promove a “singularidade” do contemporâneo e de personagens representativas desse tempo, como é o caso em questão. Esse é o ponto a que nos direcionamos, apoiadas por teorias críticas nessa abordagem.

Palavras-chave: Fragmentação. Sujeito. Alteridade. Paralelismo. Encontro.

A narrativa de Maria Judite de Carvalho é, de tal forma intrigante que, desde o início da leitura, parece arrastar o leitor para dentro do texto e permitir que caminhe com elas, George e suas outras, observando seus passos, quase como se estivesse lado a lado. Dando vazão à curiosidade despertada pelo narrar, de tal forma, envolvente, caminhei com elas no texto, como que espreitando à distância.

Não escolho o tema da análise, aceito a sugestão do texto. Na leitura do conto, sobressai a apresentação da personagem, de tal maneira pluralizada que, de certa forma, conduziu-me à proposta de análise desse trabalho. Uma personagem tão diversa remete imediatamente à fragmentação que caracteriza o sujeito contemporâneo. Nessa compreensão, Maria Judite de Carvalho insere em sua produção literária aspectos de seu tempo e, nesse caso, um mundo de valores em transformação, que vai perdendo a rigidez de conceitos, que acomoda a flexibilidade em relação a si e ao sujeito confirmando a fragmentação e o deslocamento do sujeito na concepção de Stuart Hall na qual singularidade pauta-se pelo plural, pelo diverso, pelo múltiplo. Em “George”, observa-se que “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (HALL, 2006, p. 12).

Na necessidade de delimitar uma abordagem, dentro da diversidade de possibilidades que o texto sugere, nessa leitura, a fragmentação do sujeito será compreendida na faceta da alteridade que, no texto, é apresentada de forma ampla e abrangente possibilitando variadas identificações, reconhecimentos e manifestações da identidade fragmentada tornando-a totalizante.

Com tal direcionamento, a análise buscará em George(s), título e personagem, os encontros. Na personagem, o encontro com elas, ela mesma e ela outros. No conto, a alteridade é o caminho de construção da personagem ficcional que também contém o outro do mundo fora da realidade textual.

O contemporâneo conjuga tempos presente, passado, futuro. Sua singularidade está em facetas múltiplas, e, tudo, em um trânsito constante. Como o momento, a personagem não está fixa em um tempo, um lugar, um rosto. Temos George, personagem-título, encontrando-se com suas outras do passado e do futuro, com a jovem Gi e com a velha Georgina que são ela mesma e com outras elas que são suas existências para-

lelas, com seus rostos, em viagens transversalizantes por si, por espaços e tempos interiores e exteriores.

Tratando-se de ficção literária, a construção da personagem está comprometida com a palavra, elemento obrigatoriamente ligado a sua materialidade. A palavra é ponto fundamental de criação do universo ficcional, conforme, apresenta-nos Beth Brait: “A sensibilidade de um escritor, a sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar nos seus movimentos a complexidade dos seres que o habitam realizam-se na articulação verbal” (BRAIT, 2002, p. 66).

A realidade ficcional literária tece-se de palavra em palavra, de oração em oração. Contudo, não se isola de um contexto não ficcional. Na expressão do sujeito na personagem, ganhará relevância observar o trabalho com a palavra enquanto seja um fator revelador de características do sujeito contemporâneo na personagem, sobretudo na abordagem foco da análise, a alteridade. Haverá especial atenção à palavra em sua versão significativa.

Em George, personagem ou texto, a palavra recolhe partes do sujeito (fragmentos) para identificá-lo em sua totalidade, compor uma identidade. Compreendamos que totalidade não quer expressar completude, mas um acréscimo de outro no eu, demonstrando a impossibilidade de ser único nesses tempos. O trabalho linguístico apresenta recursos que, em diversos níveis verbais: morfológico, sintático, semântico, contribuem efetivamente para construir o paralelismo que equilibre George e suas alteridades sem que haja exclusão de uma/outra, possibilitando a plenitude da concepção de ser ambas com equivalência, sem exclusividade ou exclusão ou alternância, mas textualizando a possibilidade de coexistência.

Passemos, nesse entendimento, à busca de elementos textuais, especialmente, formais, que corroborem a proposta da leitura que passa a entender como as palavras, base do ficcional, expressam a alteridade enquanto faceta da fragmentação, indicando que o paralelismo denota o sujeito composto por seus outros.

Em George, conto ou personagem, o múltiplo e o diverso que identificam o contemporâneo têm o seu ponto de partida no duplo, no ambos. O outro mais próximo está no eu, compondo o inteiro, não necessariamente único, quando se parte da visão ampla que enxerga que no “ambos” está o único, não como singularidade, mas como identidade,

que consegue perceber a pluralidade de elementos. É como um leque que se abre e mostra os seus componentes.

Sendo a nomeação uma marca forte de identidade, os nomes são palavras de especial importância. A alteridade no campo da nomeação ganha destaque. Nesse aspecto, a flexibilização de fronteiras pode ser apontada.

George não é um nome que pertença tradicionalmente à língua portuguesa. Nessa compreensão, temos já a condição de ser ambos, de um local ou de outro. Ser, sem exclusão, local, global. A seleção vocabular na nomeação da personagem expressa o rompimento de barreiras linguísticas. Expõe a alteridade e fragmentação totalizante, no sentido já comentado. Ao referir-se, nomear o conto (ou) e a personagem, o estrangeirismo desfaz a separação lá – cá, expõe a alteridade em condição contígua ao eu, integraliza e permite o trânsito também a nível vocabular.

Na busca de elementos vocabulares relevantes à proposta na função de integrar como marca de paralelismo e equivalência, encontra-se o conector, a conjunção ou, vocábulo que aqui não tem força de alternância, mas antes propõe composição, equivalência entre valores, enfim, proximidade do outro.

Já incorporada à realidade textual, George, estrangeirismo, enquanto vocábulo, conduz-nos a outros encontros que permitem a percepção de indícios de alteridade como recurso de fragmentação. Nessa função, retoma-se ao título ou ao nome que tem expressão do paralelismo, da equivalência, agregando o rompimento de fronteiras também em relação ao conector que, sendo de outro idioma, tem função gramatical equivalente. Uma observação nesse sentido nos permite percebê-lo: **Ge or ge**. Uma trabalhada construção de nome que, mesmo linguisticamente outro, apresenta o conector **or** com mesma significação de **ou**, e, assim, mantém as partes **Ge – ge** em par e equivalência. O outro resulta mesmo, **Ge = ge**, equivalentem, alterizam, totalizam, integram pelo **or, Ge** ou **ge**. É a palavra, fonte ficcional que constrói texto e personagem e os referencia ao mundo não ficcional.

No texto, não poucas vezes, ocorre o emprego da conjunção ou na função referida. São situações nas quais o narrador se posiciona em relação à definição de atitudes da personagem e outros fatos textuais. Se, para nós leitores, a princípio, indica a imprecisão que caracteriza as ações da personagem, sugere também a imprecisão do contemporâneo e, ainda, a possibilidade de ocorrências ambivalentes, paralelas, especialmente

quando não há interrogação. Observamos: “...do sul ou de qualquer outro ponto cardeal ou colateral,” (CARVALHO, 1995, p. 31) e “Perdeu ou largou?” (CARVALHO, 1995, p. 31). E ainda “...como quem anda na água ou contra o vento.” (CARVALHO, 1995, p. 39).

Em vernácula ou estrangeirismo, esse elemento gramatical tem especial destaque como colaborador na demonstração da alteridade como uma faceta que indica a fragmentação em contexto de pós-modernidade. Uma ação ou outra, uma atitude ou outra, uma condição ou outra da personagem se acomoda ao contexto sem necessidade de concorrência por espaços de ser e para se ser. Tanto uma ação e outra, uma condição e outra são possíveis em contextos flexibilizados pelo processo de transformação.

Em relação a George, não por acaso, é personagem-título, o que já confere aspecto de alteridade e paralelismo, possibilidade de ser ambas, compor-se por outro. No trabalho da autora com a palavra, revelam-se um momento e um sujeito em que uma ou outra condição, resulta igual, complementa o todo, distingue sem trazer diferenciações que afastem possibilidades de ser. Um texto que trabalha o encontro, o reencontro a partir das palavras. Na condição de composta a palavra, George, sendo nome, vem, de certa forma, pondo a questão de identidade equalizada, já resolvida pela aceitação do múltiplo, sem problematização ou conflitos em relação a essa condição sem individualidade. Ou, pelo contrário, reafirmando um ser isolado. Esse aspecto será apontado ao final.

Comentadas as questões referentes à nomeação de texto e de personagem, na mesma proposta, os comentários prosseguem para a abordagem voltada para George, com atenção ao encontro com ela, ela mesma e com ela, outra/o(s).

O nome George, como já observado, flexiona a fronteira de nacionalidade. O nome desfaz a marca identitária que prende ser à nação de origem e, assim, põe em pauta no texto mais esse aspecto que já perde a rigidez fora do ficcional. Um país ou outro país resulta em espaço sem rígidas fronteiras para o sujeito. Desfaz-se, linguisticamente, um padrão identitário. Uma nomeação que o vincule a um, excluindo o outro, é produto de valores culturais já abalados.

Outra faceta de alteridade, que flexibiliza fronteiras, liga-se à definição de gênero pelo nome. O nome George acomoda os ambos. A marca de identidade tradicionalmente masculina se dilui ao nomear uma

mulher. George, ela ou ele, possibilidade de alteridade, de nomeação de ambos.

Em relação à nomeação da personagem, o trabalho com a palavra é demonstração excepcional de que a fragmentação, literalmente, totaliza o ser. George, a personagem, sendo uma, admite três nomes: Gi, George e Georgina. George, vocábulo, se desfaz para acomodar as outras, elas mesmas.

O nome acomoda, por variação, seja pelo acréscimo, seja pela redução, as possibilidades de ser. Ela, George, é no tempo textual, Gi, a jovem, é Georgina, a velha. Na expressão vocabular da jovem, há a construção pela supressão de elementos formais, denotando ser completo, mas não totalizado frente a si mesma. Tempo anterior, passado incompleto, ainda faltando vivências, apenas **Gi**. Por outro lado, em Georgina, se pode reconhecer o acréscimo **ina**, em que a posição sufixal acomoda a condição de ser mais completo e também a significação de tempo final, a velhice.

Ainda com o foco no trabalho com os elementos formais do vocábulo, é possível encontrar pontos de alteridade totalizante em aspectos relacionados à fronteira linguística vinculadora entre idioma e nação. Enquanto vocábulo, Georgina é união de elementos de origens distintas, Georg (inglês) + ina (português) para formar o inteiro em relação a tempo, à personagem, enfim, para expressar variadamente a condição híbrida que também caracteriza o contemporâneo. O acréscimo do elemento gramatical ao radical remete-nos à alteridade que globaliza, funde nacionalismo e estrangeirismo. O hibridismo trabalhado no vocábulo, ao inserir os elementos formais, faz surgir a palavra que amplia significações e também ajusta momentos de vida da personagem totalizando o ser.

O nome alterado completa, expondo os distintos outros, como no texto, em um só tempo. Ao fim, Georgina é vocábulo que se transforma em palavra que acomoda em vários aspectos ela, ela mesma, outras. Permanece sendo George-Gi-Georgina: **Geor/gi/na**. A totalização na condição de palavra expressa a síntese do paralelismo proposto pela conjunção que, nessa construção sintetizante, perde a função conectora, pois a fusão, literalmente, já ocorreu. São vivências incorporadas da personagem, no texto, e do sujeito, no contexto mundo. Ainda que analisadas por outro prisma, as considerações de Helena Buescu podem apoiar o comentário: "... só mais tarde entendemos que Gi estará sempre com George..." (BUESCU, 2008, p. 232).

Os encontros com uma ou outra, com Gi ou Georgina são expressos pela marca formal do plural em verbos e nomes que conta, ainda, com o reforço da seleção vocabular que trazem indícios de ambos. “Trazem ambas vestidos claros, amplos, e a aragem empurra-os ao de leve, um deles para o lado esquerdo de quem vai, outro para o lado direito de quem vem, ambos na mesma direção, naturalmente.” (CARVALHO, 1995, p. 32).

A personagem vai de encontro e ao encontro da alteridade. “George” é mundo ficcional da personagem e espaço de suas caminhadas e viagens. “George” traz o mundo em movimentação. E George vive em trânsito. Ambos, conto e personagem refletem esse tempo em transformação, em transição permanente, alterando-se constantemente.

A abundância dos verbos de locomoção desde o início até o final do conto, sendo um deles a primeira palavra do texto, “Andam” (CARVALHO, 1995, p. 31) exemplifica, também nesse sentido, o trabalho com a palavra demonstrando, nessa faceta de fragmentação, a referência ao não ficcional, com elaborado trabalho linguístico, participando do paralelismo entre realidade de ficção e realidade mundo.

As viagens reforçam a transitoriedade e a transição. George viaja e encontra a alteridade, ela mesma, sua viagem interior. George viaja e encontra a alteridade, o outro, em suas viagens pelo mundo.

Viagens, locomoção constante apontam-nos o mundo em movimento, a vida em movimento, um mudar, um mudar-se que não permite o pertencimento e faz e transforma espaços em não lugares, conforme concebe Marc Augé. A vila ou Amsterdão são espaços transitórios.

O não pertencer, o excluir-se de vínculos têm máxima expressão nas casas mobiliadas nas quais a personagem invariavelmente escolhe viver. “*Vives numa casa mobilada sem nada de teu?*” (CARVALHO, 1995, p. 34, grifos da autora). O trânsito é o promotor da flexibilidade de fronteiras em geral, é o promotor do encontro com a alteridade. É o trânsito que abala a rigidez de conceitos e valores, como os já citados, nacionalidade, gênero, pessoa, tempo, e outros.

O sujeito móvel em aspectos gerais é a identidade móvel em aspectos gerais. George, estando constantemente em trânsito, encontra-se com ela mesma e com ela, outras. Para que ocorram esses encontros é preciso viajar, transitar, não se fixar, não pertencer aos espaços. George está sempre em não lugares ou andando para, em direção a, quer os seus

pés na rua. “Uma casa mobilada, sempre pensou, é a certeza de uma porta aberta de par em par, de mãos livres, de rua nova à espera de seus pés.” (CARVALHO, 1995, p. 34).

No contexto de mundo pós-moderno, o trânsito indica mais do que ir de um espaço a outro, informa também o deslocar-se, o ir de uma condição a outra de existência para conjugá-las evidenciando a importância do outro para a totalização, a pluralidade a multiplicidade do ser contemporâneo.

Um sujeito único concebido como ser singular é desconstruído. Não é personagem ficcional e nem real. A possível interpretação inicial de uma personagem única na realidade ficcional, que seria George, vai deixando de existir no cá do texto e no lá do mundo, quando, a leitura mais atenta, percebe a construção de uma personagem plural como lhe confere as condições pós-modernas. Em George, cabe(m) a(s) outra(s). No eu, está(ão) contido(s) outro(s).

A fusão de condição literária conto e personagem dão a primeira pista de que não há foco em diferenciação que exclua, mas sim em que se ponha em evidência a condição de equivalência, de função e de existências paralelas ponto de partida para a ampliação, abertura para o múltiplo. O título, conto, abre-nos o texto no qual se insere a personagem e suas viagens. As condições paralelas coexistem, não se excluem, são em condições de ser ambas. Não há trabalho textual a fim de personalizar, individualizar, mas um trabalho de criação ficcional marcando a identidade pela ampliação, reconhecimento e recolhimento dos outros que compõem o eu. Com esse direcionamento, a leitura tornou possível compreender uma pluralidade construída no outro que surge, de par em par, por vez: George (título/nome – conto/personagem – masculino/feminino – nacional/estrangeiro – Gi/Georgina –vilã/cosmopolita – jovem/velha – viajante interna/viajante do mundo, enfim, George ela/George outras). Não uma e outra, mas ambas. Não antes ou depois, um agora: o acúmulo e o equilíbrio, a complementariedade, a síntese, neutralização: GEorGE.

Esse ser dúbio, composto por alteridade, é forma, sem alternativa, de estar no mundo contemporâneo. Fora da alteridade, sem a “capa protetora” do outro, o sujeito, ensimesmado, estará isolado, silenciado, banido, morre.

Mas essa é uma outra abordagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BUESCU, Helena Carvalhão. Somos Todos *Homines Sacri*: uma leitura agambiana de Maria Judite de Carvalho. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). *De Orfeu e de Perséfone*. Morte e literatura. São Paulo: Ateliê, 2008.
- CARVALHO, Maria Judite de. “George” In: _____. *Seta despedida*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 118.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: _____. *A personagem de ficção*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SILVA, Rodrigues da. Uma voz estrangulada. *JL/Letras*. Quarta-feira, 22 de maio de 1996, p. 16-17.